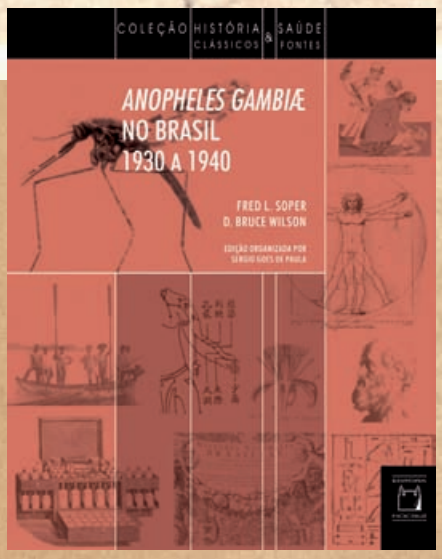


Na foto acima, pesquisadores brasileiros e americanos que foram ao Nordeste combater a malária, na década de 1930

O Nordeste sem *Anopheles gambiæ*

Livro que descreve campanha de erradicação do mais eficiente mosquito transmissor da malária ganha segunda edição em português, ainda mais completa do que a primeira, de 1945

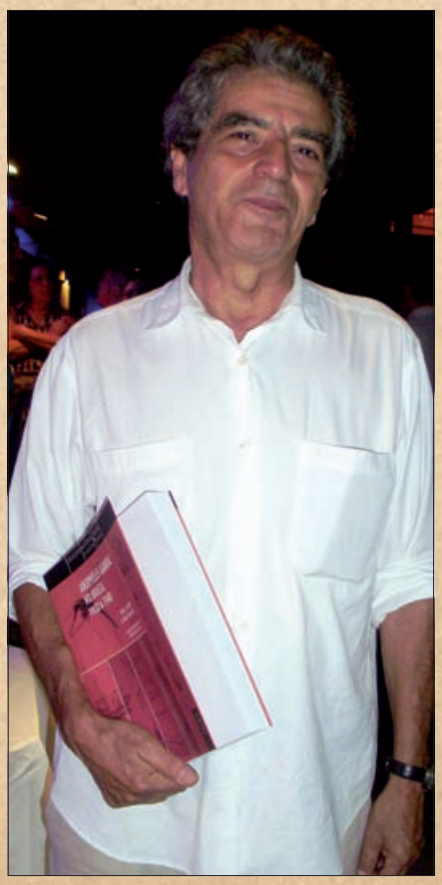
Fernanda Marques

Em março de 1930, no Rio Grande do Norte, foi constatada pela primeira vez nas Américas a presença do mosquito *Anopheles gambiæ*, oriundo da África e apontado como o mais eficiente vetor da malária. Ele trouxe grande preocupação e acabou provocando graves epidemias no Nordeste. Diante desse cenário, a Fundação Rockefeller, em conjunto com o governo brasileiro, instituiu um serviço com o objetivo explícito de erradicar o *A. gambiæ* da região. Fred L. Soper e D. Bruce Wilson lideraram a campanha, que culminou com a erradicação do mosquito em tempo inesperadamente curto: apenas 35 meses. Leitura obrigatória para os interessados em saúde pública, o relatório original da campanha até hoje só era encontrado na seção de obras raras de bibliotecas especializadas. Uma nova edição da obra, revista e ampliada, foi organizada pelo pesquisador Sergio Goes de Paula e acaba de ser lançada pela Editora Fiocruz. O volume *Anopheles gambiæ no Brasil – 1930 a 1940* é o mais novo título da *Coleção História e Saúde – Clássicos & Fontes*.

A campanha da Fundação Rockefeller tinha também um objetivo implícito: disseminar nos sertões o espírito da modernidade. "Suas ações espetaculosas pretendiam não só enfrentar os agravos à saúde, mas também funcionar como exemplo, tanto de seus métodos como do espírito do capitalismo", comenta Goes. Embora exitosa na erradicação do mosquito, a campanha não atingiu seus propósitos "pedagógicos". Para Goes, "o Nordeste sem *A. gambiæ* continuou igual, sem pressa. A modernidade, cuja chegada a Rockefeller pretendia acelerar, não aconteceu".

As explicações para o sucesso na erradicação do mosquito incluíam a gestão meticulosa da campanha e a administração do tempo segundo os princípios tayloristas. Havia tarefas e metas a serem cumpridas em prazo determinado, dentro de um rígido sistema de hierarquia e de fiscalização semelhante ao usado em uma linha de produção industrial. A realidade do Nordeste, porém, era bem mais complexa e, mesmo depois de erradicado o *A. gambiæ*, a região continuou com malária – a doença já ocorria por meio de outras espécies de mosquitos anofelinos lá presentes e pela circulação de protozoários trazidos nas idas e vindas de retirantes em decorrência da seca. Contudo, limitações à parte, a campanha trouxe contribuições inegáveis, demonstrando a viabilidade de se erradicarem mosquitos transmissores de doença. "Por isso a Fiocruz se orgulha de, 66 anos depois da primeira edição em português, lançar esta nova publicação, mais completa que a primeira", sublinha o presidente da Fundação, Paulo Gadelha, no prefácio do livro. O pesquisador Sergio Goes de Paula conversou com a **Revista de Manguinhos** sobre o lançamento.

ENTREVISTA - SERGIO GOES



REVISTA DE MANGUINHOS: No atual cenário epidemiológico brasileiro, qual a importância de divulgar e tornar conhecido o trabalho histórico de Fred L. Soper e D. Bruce Wilson?

Sergio Goes: O fato de ter sido a primeira vez em que foi erradicada intencionalmente uma espécie originária de outra zona zoogeográfica faz do relato da campanha uma peça importante e seu sucesso já justifica a divulgação dos procedimentos seguidos; sabemos que as campanhas sanitárias são processos dificílimos, e eliminar uma doença ou erradicar um transmissor é uma ação quase heróica em si mesma e que merece ser amplamente conhecida e reconhecida.

RM: Sanitaristas e demais profissionais envolvidos com a erradicação ou o controle de doenças transmitidas por vetores têm lições a aprender com Soper e Wilson?

Goes: À primeira vista, não há muitas semelhanças entre uma campanha realizada nas décadas de 1930 e 1940 e uma atual. As tecnologias de hoje são muito superiores às daquele tempo; e o respeito aos direitos de trabalhadores e moradores é também muito maior hoje do que então. São diferenças intransponíveis. Porém, quando examinamos melhor, vemos que alguns princípios fundamentais que orientaram a campanha contra o *A. gambiae* continuam válidos: a imensa importância dada ao tempo em seus diversos ciclos – o ciclo do trabalho, o ciclo natural dos insetos, o ciclo astronômico das estações; o cuidado com a informação e a comunicação; e o rigor no controle das etapas de trabalho. São fatores subjacentes que devem ser entendidos e respeitados em qualquer ação sanitária de grande porte, quaisquer que sejam os métodos utilizados.

RM: A edição original do relatório de Soper e Wilson foi publicada, em inglês, em 1943. Em 1945, o trabalho ganhou uma edição em português, mas não se tratava de

No alto, guarda-medicador do Serviço de Malária do Nordeste, em 1939. Acima, expurgo domiciliar com compressor, durante a campanha contra o *Anopheles gambiae* no Nordeste, em 1940

uma tradução fiel. A obra agora lançada pela Editora Fiocruz é fruto de um cotejamento das duas edições: o texto de 1943 foi retraduzido na íntegra e a ele foram incorporadas partes presentes na versão de 1945. Por que optou por esse caminho?

Goes: O lançamento da primeira edição brasileira tão pouco tempo após a edição original em inglês, e ainda por cima em um período tão difícil (em plena 2ª Guerra Mundial), é uma mostra da importância atribuída então ao livro. A maior parte era uma versão em português do livro americano, mas foi incorporada muita coisa nova e também foram eliminados documentos textuais e iconográficos constantes do original em inglês. As divergências mostram as diferenças de ponto de vista entre os médicos brasileiros e os americanos, e por isso aproveitei os materiais acrescentados naquela primeira edição em português. Na obra que organizei também foram incluídos o depoimento de um participante da campanha, o doutor Leônidas Deane (1914-1993); um cordel da época sobre o mosquito, recolhido pela historiadora Ângela Porto; um belo prefácio de Paulo Gadelha; e um texto meu apresentando o que, para mim, são os pontos principais na campanha. De certa forma, é um livro novo.

RM: Para as pesquisas em história das ciências da saúde, que outras obras raras o senhor gostaria de ver reeditadas e por quê?

Goes: Cada pesquisador terá sempre seu rol de obras raras que gostaria de ver novamente publicadas. Sou da opinião de que a ênfase seja posta na publicação virtual, com liberdade de acesso. Esta parece ser a tendência atual, e já se pode ler muita coisa na internet, especialmente em inglês e francês. Seria bom se tivéssemos mais obras em português. A meu ver, a reedição em papel de obras antigas – que exige mais tempo, recursos financeiros e trabalho – só se justifica quando alguma intervenção é feita, como tradução, agregação de outros textos, análises etc.